

**Gramática Sistêmico-Funcional Como Ferramenta Teórico-Metodológica Em
Linguística Aplicada: O Caso Xuxa Na Record Em Textos Jornalísticos**

**Systemic Functional Grammar As Theoretical-Methodological Tool In Applied
Language: The Case Xuxa In Record In Journalistic Texts**

Bruno Gomes Pereira

Doutorando em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins
Mestre em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins
Professor da Universidade Federal do Tocantins
E-mail: brunogomespereira_30@hotmail.com

Endereço: Bruno Gomes Pereira

Endereço: Universidade Federal do Tocantins - Rua Paraguai, s/n, Bairro da Cimba, CEP: 77824-866,
Araguaína/TO, Brasil.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 15/07/2015. Última versão recebida em 03/08/2015. Aprovado em 04/08/2015.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação.

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo analisar as representações (re) criadas em torno da figura midiática de Xuxa Meneghel em textos jornalísticos referentes à sua primeira aparição na Rede Record de Televisão. Devido ao grande destaque dado pela mídia à contratação da apresentadora, este fato popularizou-se nas redes sociais como o caso Xuxa na Record. Estamos inseridos nos estudos da Linguística Aplicada (LA), mais precisamente no campo que preferimos denominar de indisciplinar, pois acreditamos que a compreensão sobre os fenômenos de massa demanda questionamentos advindos de diferentes áreas do conhecimento humano. Elegemos a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), em especial a Metafunção Ideacional, como aporte teórico-metodológico para microanálises dos dados da pesquisa. Essa investigação é do tipo documental, uma vez que analisamos reportagens veiculadas nas principais mídias eletrônicas do país, e de abordagem qualitativa, pois nos baseamos no princípio da interpretabilidade. As análises apontam para a manutenção de uma imagem icônica da apresentadora, já bastante difundida pela mídia durante décadas, na tentativa de perpetuar uma Xuxa rainha da massa e dos meios de comunicação do Brasil.

Palavras-chave: Textos Jornalísticos. Metafunção. Representação. Xuxa Meneghel.

ABSTRACT

This article aims to analyze the representations (re) created around the media figure of Xuxa Meneghel in journalistic text referring to his first appearance in Rede Record of TV. Due to the great emphasis placed by the media to the hiring of a presenter, this fact became popular in social networks like the case Xuxa in Record. We operate in studies of Applied Linguistics (AL), more precisely in the field prefer to call interdisciplinary because we believe that the understanding of the mass phenomena demand questions coming from different areas of human knowledge. Elect the Systemic Functional Grammar (SFG), especially metafunction ideational as theoretical and methodological support for microanalysis of research data. This research is the document type, since we analyzed articles published in major electronic media in the country, and a qualitative approach because we relied on the principle of interpretability. The analyzes point to the maintenance of an iconic image of the presenter, already widespread in the media for decades in an attempt to perpetuate a Xuxa Queen and mass media in Brazil.

Keywords: Journalistic Texts. Metafunction; Representation. Xuxa Meneghel.

(...) Tem o talento e a fama de Madonna. Tem o magnetismo de um anjo. Tem o dinheiro de um magnata, os escândalos de uma superestrela, os amores de uma Greta Garbo, a mentalidade de uma menina e um corpo de uma supervedete. Imagino que vocês já sabem de quem se trata, pois somente ela, e ninguém mais que ela, reúne todos esses requisitos¹.

1 INTRODUÇÃO

Nos estúdios, tudo pronto para recebê-la. Tapete vermelho, assim como nas mais ilustres monarquias, e um batalhão de jornalistas a postos para fazer a cobertura de um dia que marca história na televisão brasileira, transmitido ao vivo em cadeia nacional na TV aberta. No portão, se ouviam gritos apaixonados, declarações de amor e uma histeria poucas vezes causada por uma personalidade nacional. Pessoas de todas as idades se acotovelam para tentar vê-la mesmo de longe, enquanto os mais eufóricos sonham em ter um contato maior com ela. No alto da portaria, dezenas de cartazes, com fotos, e uma faixa quilométrica, singularmente feita para a ocasião, onde se lia “Agente nunca vai desistir de você”.

No horizonte, eis que se aproxima um carro. Seus vidros escuros dificultam a identificação de quem está dentro do automóvel. Mas mesmo assim, eles a reconhecem. Era ela, aquela que habita o imaginário de pessoas de todas as idades há três décadas. Aquela que tem em seu nome a capacidade de persuadir massas, lançar modismos e movimentar multidões. Traja uma roupa preta, que contrasta com sua pele alva e realça seus olhos azuis. Ao abaixar os vidros da janela do carro, é cercada por uma aglomeração que grita “A Rainha voltou” (informação verbal). Pronto! Eis que surge o maior fenômeno de massa fabricado pela mídia televisiva no Brasil.

Assim foi a recepção que Xuxa Meneghel teve em sua primeira visita à Rede Record de Televisão, na Barra Funda, em São Paulo, em março deste ano. A descrição acima já faz parte do cotidiano da apresentadora. Entretanto, a de se considerar dois pontos que tornam essa cena inusitada: a) o fato de acontecer na sede da emissora de maior rivalidade com a Globo, empresa que empregou Xuxa por 29 anos, e b) a cena nos leva a pensar em uma situação paradoxal: em um mundo pós-moderno, onde tudo acontece com uma rapidez imensa, Xuxa ainda continua sendo a melhor opção de entretenimento para milhões de

¹ Cristina Saralegui em seu programa *El Show de Cristina*, transmitido pela Univision para o público hispânico nos Estados Unidos, prestes a anunciar Xuxa como a principal convidada da atração. A participação de Xuxa no programa da jornalista cubana foi ao ar em 14 de maio de 1992. Traduzimos a fala de Saralegui do Espanhol para o Português.

“seguidores”,(termo usado pela própria apresentadora para designar seus fãs mais fervorosos).

Paradoxos parecem ser algo que sempre motivou a construção mítica da imagem de Xuxa. Prova disso são as palavras da epígrafe desse artigo proferidas por Cristina Saralegui, em 1992, apresentadora e jornalista bastante conhecida nos Estados Unidos. As palavras de Saralegui vão além de uma simples descrição de Xuxa. São, na verdade, dizeres proféticos que, mesmo 23 anos depois, continuam caracterizando os discursos midiáticos que têm em Xuxa o principal assunto.

O objetivo desse trabalho é analisar representações de Xuxa em textos jornalísticos publicados pelos principais sites de entretenimento, no período de 3 a 10 de março de 2015, dias em que a imprensa brasileira acompanhou a contratação da estrela pela Rede Record de Televisão.

Estamos inseridos no campo indisciplinar da Linguística Aplicada (LA). Acreditamos que a LA pode nos ajudar a compreender como os fenômenos de massa podem influenciar os atores sociais, de maneira a alterar o comportamento de diversas pessoas.

Na tentativa de captarmos, gramaticalmente, os discursos midiáticos em torno da imagem de Xuxa, adotamos a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) como aporte teórico-metodológico para microanálises dos dados. Do campo social dos estudos sistêmico-funcionais, nos interessamos mais de perto pela metafunção ideacional, pois, por meio do Sistema da Transitividade, concebe a oração como elemento de representação do mundo.

Muito se tem discutido a respeito da influência que Xuxa exerce no Brasil. Com sua contratação pela Record, parece-nos que os discursos que a cultuam como rainha soberana da televisão foi revigorado. A emissora dos bispos aposta nesse resgate para promover a qualidade da emissora e atrair anunciantes. Como discurso é manifestação da linguagem, esse objeto de pesquisa nos parece fonte de interessantes análises.

Além dessa Introdução, das Considerações Finais e das Referências, esse artigo é constituído pelas principais seções: Contribuições da Linguística Aplicada Indisciplinar, A Gramática Sistêmico-Funcional como Aporte Teórico-Metodológico para Microanálises, Afinal, por que tanta idolatria? Metodologia para Geração do Corpus e Análises Sistêmico-Funcionais: Representações do Ator Social Xuxa em Textos Jornalísticos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONTRIBUIÇÕES DE LINGUÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR

Vivemos em uma sociedade fluida, repleta de questionamentos marcados pela transição de paradigmas. O Positivismo, aos poucos, cede lugar a uma visão mais complexa dos fenômenos sociais que vê na Teoria da Complexidade (cf. MORIN, 2011) uma espécie de válvula de escape de um mundo dualista e dicotômico.

Essa sociedade de incerteza cobra do homem contemporâneo uma visão mais orgânica, para que seja possível compreender os meandros sociológicos e psicológicos de um mundo em constante reconfiguração.

Nesse contexto de relações frágeis entre as pessoas (cf. BAUMAN, 2004), a população mostra-se frágil às influências dos canais midiáticos, sendo a televisão o principal deles. Essa fragilidade dá lugar à criação de fenômenos de massa capazes de movimentar uma legião de pessoas que passam a reproduzir seu comportamento. Inserimos aqui Xuxa Meneghel², a qual talvez seja o maior fenômeno de massa já produzido no Brasil (cf. SIMPSON, 1994).

Dessa forma, é difícil separarmos linguagem e sociedade. Como a sociedade está em constante transformação, a linguagem tenta acompanhar essa evolução e, também, mostra-se como aparelho ideológico e orgânico. Por isso, escolhemos uma abordagem teórica, centrada nos preceitos da LA indisciplinar (cf. MOITA LOPES, 2006; MOITA LOPES, 2013), pois acreditamos que sua natureza social nos ajuda a compreender as manifestações discursivas que caracterizam uma determinada sociedade.

Compreender os fenômenos de massa é uma iniciativa que extravasam-se fronteiras puramente linguísticas e encontra em razões contextuais elementos basilares para uma compreensão mais legítima, uma vez que são manifestações que caracterizam uma cultura específica. Concordamos com Moita Lopes ao afirmar que:

a necessidade de repensar outros modos de teorizar e fazer LA surge do fato de que uma área de pesquisa aplicada, na qual a investigação é fundamentalmente centrada no contexto aplicado onde as pessoas vivem e agem, deve considerar a compreensão das mudanças relacionadas à vida sociocultural, política e histórica que elas experienciam (MOITA LOPES, 2006, p. 21).

² É pertinente esclarecer que, nesta abordagem, não estamos, em nenhum momento, falando da cidadã Maria da Graça Xuxa Meneghel. Estamos nos referindo a Xuxa enquanto personagem midiático recriado constantemente pelos veículos de comunicação do país e de forte apelo popular.

Conforme os dizeres de Moita Lopes transcritos acima, a LA pode nos ser útil no processo de complexificação de nosso objeto de investigação, porque levam em conta aspectos políticos, históricos e socioculturais dos envolvidos na teia discursiva. Sobre esse aspecto, Simpson acrescenta que “a imagem de Xuxa é construída sobre a ansiedade cultural, sobre os papéis de sexos, sobre raça, sobre a identidade do Brasil” (SIMPSON, 1994, p. 54).

Entretanto, é necessário esclarecer que não entendemos a LA como disciplina, mas sim como uma postura diferenciada de se fazer pesquisa no âmbito acadêmico, com vistas a atender a demanda do paradigma emergente e, com isso, dar voz a grupos, ou questões, muitas vezes periféricas no âmbito das pesquisas científicas (cf. MOITA LOPES, 2006; MOITA LOPES, 2013; KLEIMAN, 2013; SIGNORINI, 1998).

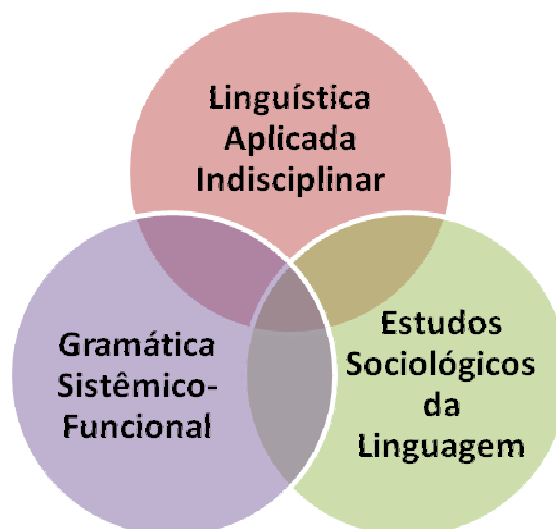
Por isso:

mais importante do que se preocupar com os limites de uma área de investigação, é tentar operar dentro de uma visão de construção de conhecimento que tente compreender a questão de pesquisa na perspectiva de várias áreas do conhecimento, com a finalidade de integrá-las (MOITA LOPES, 2006, p. 98).

A visão de construção apresentada por Moita Lopes parece-nos pertinente, quando nos referimos aos fenômenos de massa. No caso de Xuxa, são perceptíveis várias reinvenções no decorrer de sua carreira, com a intenção de adequá-la aos novos tempos. Isso é algo comum no meio televisivo. Todavia, as reações causadas por Xuxa extrapolam os limites da televisão e causam situações, no mínimo, exóticas, como as vistas em sua primeira visita à Record. A comoção causada por Xuxa é sedimentada em discursos diversos, que reportam ao que se convencionou chamar de memória afetiva. Por isso, para propor uma discussão sobre esse assunto, é necessário mobilizar conhecimentos diversos, muitos até de cunho cognitivo.

Dessa maneira, propomos a figura abaixo como esquema motivador para construção desse trabalho:

Figura 1 – Relação estabelecida pela Linguística Aplicada



Fonte: Autoria própria

Conforme a Figura 1, temos a LA indisciplinar em destaque na cor rosa, como postura motivadora de diálogos com outras áreas do conhecimento humano. Dessa maneira, a LA nos serve como “uma espécie de interface que avança por zonas fronteiriças de diferentes disciplinas” (SIGNORINI, 1998, p. 100). Nessas “zonas fronteiriças” É que tentamos nos localizar.

Os Estudos Sociológicos da Linguagem, em destaque na figura pela cor verde, nos oferecem subsídios capazes de nos orientar por meandros além do linguístico. Assim, nos ajuda a compreender questões relacionadas ao comportamento do homem em sociedade (cf. BAUMAN, 2004). Também ajuda a entender questões ligadas ao consumismo desenfreado da marca Xuxa, bem como a propagação de uma imagem de mulher soberana em uma sociedade capitalista e neoliberalista (cf. BAUMAN, 2008).

Ainda dos Estudos Sociológicos, nos interessamos pela noção de ator social como elemento conector de relações entre diversos polos discursivos, construindo o meio social (cf. LATOUR, 2012). Assim, preferimos denominar Xuxa não como sujeito, mas sim como ator social, pois a entendemos como uma espécie de elemento de coesão entre diversas mídias contemporâneas que, ao fazer essas associações, constrói uma teia discursiva capaz de semiotizar ideologias e sensações cognitivas (cf. LATOUR, 2012). Dessa forma, somos coniventes com a ideia de que o homem é um ser social não apenas porque vive em

sociedade, mas, principalmente, pelo fato de o social ser construído a partir de um conjunto de associações promovidas por ele.

Como estratégia teórico-metodológica, a Figura 1 nos apresenta a GSF, pois acreditamos que a visão social dessa área dos estudos linguísticos podem nos ajudar a identificar nos textos analisados as pretensões discursivas que constroem as representações sobre Xuxa. Conforme a GSF, os mecanismos gramaticais são pistas linguísticas que ajudam a significar questões ligadas às esferas discursivas maiores, que extrapolam o plano puramente linguístico. Assim, a gramática é vista como escolha motivada por questões contextuais, servindo, portanto, como materialização de ideologias do meio social (cf. HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATHIESSEN, 2004; HALLIDAY e MATHIESSEN, 2014; EGGINS, 2004; THOMPSON, 2014).

Na próxima seção, apresentamos uma breve discussão a respeito dos principais pontos defendidos pela GSF.

3 METODOLOGIA

3.1 A Gramática Sistêmico-Funcional Como Aporte Teórico-Metodológico Para Microanálises

Para Halliday e Hasan (1989), a língua é o único sistema semiótico capaz de autodescrição. Logo, ao mesmo tempo em que confere sentido a alguma manifestação discursiva, a língua dá ao homem a possibilidade de descrevê-la, uma espécie de metalinguagem que nos ajuda a compreender os mecanismos gramaticais que estruturam um idioma.

Dessa maneira, Halliday e Mathiessen acreditam que:

um texto é o produto de uma seleção em uma grande rede de sistemas – um sistema de rede. A teoria sistêmica recebe esse nome devido ao fato de que a gramática de uma língua ser representada em forma de redes de sistemas, e não como um amontoado sem nexos entre palavras (HALLIDAY e MATHIESSEN, 2004, p. 23, tradução nossa)³.

Tomando como incentivadoras as palavras de Halliday e Mathiessen, é possível dizer que, para a GSF, a língua é sistêmica, porque é constituída por mecanismos estruturais que

³ No original: “a text is the product of ongoing selection in a very large network of systems – a system network. Systemic theory gets its name from the fact that the grammar of a language is represented in the form of system networks, not as an inventory of structures” (HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004, p. 23).

agem como um sistema e corporificam um idioma, e é funcional, porque os sistemas que as estruturam dependem diretamente de motivações contextuais orientadas por uma função social específica. Por isso, dizemos que a GSF faz parte de uma teoria social por excelência, pois não considera a gramática como construção autônoma, mas sim como mecanismo de escolha motivado por questões extralinguísticas.

A figura abaixo mostra a estratificação da língua em sistemas menores, que agem concomitantemente no momento da interação verbal. Trata-se de um esquema encontrado em Fuzer e Cabral (2010), inspirado em outros esquemas já existentes em Halliday (1994) e Martin e White (2005), por exemplo.

Figura 2 – Estratos da língua em Gramática Sistêmico-Funcional



Fonte: Fuzer e Cabral (2010).

A figura acima ilustra a estratificação da língua em 6 camadas. De dentro para fora, temos: 1) Fonologia e Grafologia, 2) Léxico-Gramática, 3) Semântica e Pragmática, 4) Registro: Contexto de Situação, 5) Gênero: Contexto de Cultura e 6) Discurso: Ideologia. Essa lógica obedece a uma ordem crescente no que se refere à construção do texto, que vai desde o plano de materialização pela escrita e/ou pela fala até o plano discursivo, onde o texto é impregnado por ideologias contidas no contexto de uso linguístico.

Em GSF, a ideia de contexto tem origem nas inquietações do antropólogo Malinowski, que tentou trazer para a discussão questões de ordem cultural e social. Temos, então, o que os estudos sistêmico-funcionais chamam de Contexto de Cultura e Contexto de Situação. Não é nossa intenção, nessa abordagem, apresentar uma discussão exaustiva a respeito de contexto em GSF. Para maiores informações, consultar os trabalhos de Halliday e Hasan (1989), Thompson (2014), Gouveia (2009), só para citar alguns. Nessa abordagem, interessamo-nos mais propriamente pelas variantes de contexto – campo, relações e modo – que dão origem ao que Halliday chama de metafunções. Vejamos um pouco mais na subseção seguinte.

3.2 Metafunções Da Linguagem

Sendo de conhecimento as três variáveis de registro, já mencionadas na seção anterior, passamos, agora, a comentar brevemente sobre as metafunções da linguagem, que se ligam às variáveis no momento da materialização do registro.

Abaixo segue o Quadro 1, no qual sintetizamos a relação entre variáveis de contexto, metafunção e os mecanismos de realização léxico-gramatical. É um esquema retirado do trabalho de Barbara e Macedo (2009).

Quadro 1 – Metafunções da Linguagem

VARIÁVEIS DE CONTEXTO	METAFUNÇÕES	REALIZAÇÕES LÉXICO-GRAMATICAS
Campo	Ideacional	Transitividade
Relações	Interpessoal	Modo e Modalidade
Modo	Textual	Tema e Rema

Fonte: Barbara e Macedo (2009).

Conforme o quadro acima, temos a variável campo que se relaciona com a metafunção ideacional, a qual concebe a oração como elemento de representação do mundo, refletindo, pois, a construção de experiências no mundo. Esta metafunção é realizada pelo sistema de transitividade. Falaremos um pouco mais sobre esse assunto na subseção seguinte.

A variável relações dá origem à metafunção interpessoal, sendo esta a metafunção que se preocupa com a oração como elemento de troca entre enunciadores. É realizada pelo mecanismo gramatical de modo e modalidade.

Por fim, a variável modo é semiotizada pela metafunção textual, que entende a oração como mensagem. Dessa forma, encaixam-se aqui os procedimentos de coesão e

coerência textuais que atribuem textura ao texto. O sistema de tema e rema é o mecanismo gramatical que materializa a metafunção textual.

Halliday e Mathiessen sintetizam que:

os três componentes funcionais do significado ideacional, interpessoal e textual são realizados em toda a gramática de uma língua. Assim, na gramática, cada componente contribui com uma estrutura mais ou menos completa (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 309, tradução nossa)⁴

As três metafunções agem simultaneamente, sendo, pois, inseparáveis. Entretanto, em trabalhos acadêmicos, os pesquisadores geralmente optam por valorizar apenas uma delas, por motivos metodológicos. Por outro lado, essa iniciativa não anula nem ignora o caráter interdependente das metafunções nos procedimentos de semiotização do contexto de situação.

Na subseção seguinte, apresentamos algumas noções a mais sobre a metafunção ideacional.

3.3 Metafunção Ideacional

Como consta no Quadro 1, gramaticalmente, a metafunção ideacional é realizada pelo sistema de transitividade. A ideia de transitividade na GSF extrapola a concepção de relação puramente sintática entre processo e termo regido. Conforme os estudos sistêmico-funcionais, a transitividade engloba questões, sobretudo, semânticas que são construídas pela relação entre todos os grupos oracionais que ajudam a compor a estrutura frasal.

O sistema de transitividade é baseado na configuração ator + processo. Nesse caso, o ator é o participante responsável pela execução do processo, mantendo com este uma relação sintático-semântica (cf. HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATHIESSEN, 2004; EGGINS, 2004; HALLIDAY e MATHIESSEN, 2014; THOMPSON, 2014).

Os processos são classificados em 6 tipos, obedecendo a critérios semânticos. No quadro seguinte é possível perceber os significados considerados para classificação dos processos, bem como os participantes a eles relacionados. Trata-se de um esquema retirado de Cunha e Souza (2006).

⁴ No original: “thethreefunctionalcomponentsofmeaning, ideational, interpersonaland textual, are realizedthroughoutthe grammar of a language. Butwhereas in the grammar oftheclauseeachcomponentcontributes a more orless complete structure” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 309).

Quadro 2 – Processos, Significados e Participantes

PROCESSO	SIGNIFICADO	PARTICIPANTES OBRIGATÓRIOS	PARTICIPANTES OPCIONAIS
Material	Fazer, Acontecer	Ator	Meta, Extensão e Beneficiário
Mental	Sentir	Experienciador e Fenômeno	-----
Relacional: Atributivo Identificador	Ser, Classificar, Definir	Portador e Atributo Característica e Valor	-----
Verbal	Dizer	Dizente e Verbiagem	Receptor
Existencial	Existir	Existente	-----
Comportamental	Comportar-se	Comportante	Behaviour

Fonte: Cunha e Souza (2011).

De acordo com o quadro acima, verifica-se a existência de 6 tipos de processos: material, mental, relacional, verbal, existencial e comportamental. A GSF acredita que todos esses processos se misturam no momento da produção do texto, ajudando a caracterizá-lo. A opção pelo uso de um determinado tipo de processo causa efeitos de sentidos perceptíveis no plano discursivo do texto. Acreditamos que os processos ajudam a construir a imagem de Xuxa, ao mesmo tempo em que implicam ideologias típicas do texto jornalístico e do meio comunicacional onde são veiculados.

Na próxima seção, apresentamos um panorama a respeito da trajetória de Xuxa, procurando problematizar os efeitos de sentidos causados nas bases sociais pela construção de uma imagem lúdica da apresentadora, mas, ao mesmo tempo, de forte apelo popular.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Afinal, por que tanta idolatria?

Xuxa iniciou sua vida profissional como modelo, aos 16 anos. Entretanto, o título de Rainha veio somente depois, quando estreou o programa infantil Xou da Xuxa, na Rede Globo. O surgimento do mito foi impulsionado por uma sociedade pós-ditadura militar, que demonstrava grande anseio para usufruir de uma liberdade de expressão por anos abafada.

Tudo foi minimamente pensado. Desde seus olhos azuis e cabelos loiros à nave cor de rosa que a levava para o palco de sua atração matinal. O jeito de menina-mulher, que oscilava entre uma espécie de Peter Pan e Marilyn Monroe, atraía não somente o público

infantil para a frente da televisão. Em pouco tempo, surgia o maior fenômeno de massa de uma era pré-digital.

Simpson acrescenta que “a estrela funciona como um agente de transcendência, que realiza uma cura mágica de fissuras da cultura brasileira, ao reforçar um grande número de visões conflitantes da sociedade, especialmente as que dizem respeito a sexo e raça” (SIMPSON, 1994, p. 13).

Hoje, quase 30 anos depois, Xuxa continua acumulando declarações de amor e ouvindo gritos ensandecidos por onde passa. A apresentadora se firma como caso único de sucesso no Brasil, movimentando, alvoroçadamente, todas as esferas midiáticas.

A trajetória de Xuxa despertou curiosidade de estudiosos de diversas áreas, que se propuseram a refletir sobre as construções discursivas que envolvem a figura da apresentadora. Na área da educação, muitos são as pesquisas que problematizam a atuação de Xuxa como vetor que direciona ao consumismo demasiado. Investigações acadêmicas tentam dar conta do fenômeno, analisando todo o emaranhado de signos linguísticos que se movimentam em torno dela. Discussões sobre raça, sexualização precoce, influência pedagógica e inclusão por intermédio da persuasão discursiva se tornaram frequentes em pesquisas acadêmicas, desenvolvidas por jornalistas, pedagogos, linguistas, linguistas aplicados e psicólogos (cf. CAMPOS, 2006; JÚNIOR, 2000; PEREIRA, 2015; BESSA e PEREIRA, 2015; JESUS e ZOLIN-VESZ, 2013; ZOLIN-VESZ, 2013).

Entretanto, o estudo pioneiro, e talvez o mais emblemático, foi o livro *Xuxa: Megamarketing do sexo, da raça e da modernidade*⁵, de Amélia Simpson, professora da Universidade da Flórida, Estados Unidos. No livro, publicado no início dos anos 1990, Simpson apresenta uma análise sociológica sobre o fenômeno Xuxa que, na ocasião, despontava na sua carreira internacional.

Na visão de Simpson, Xuxa é um típico fenômeno de massa de países em desenvolvimento. Sociologicamente, agrega questões relacionadas à raça, gênero e, devido a sua popularidade, a linha demarcatória entre a artista e a pessoa torna-se bastante tênue. Simpson acrescenta, ainda, que a apresentadora “provoca infinito fascínio, às vezes adoração, e ocasionalmente, hostilidade. Raramente é vista com indiferença. A presença da estrela é tão poderosa que algumas pessoas caem em prantos ao vê-la” (SIMPSON, 1994, p. 10).

Nos 15 primeiros anos do século XXI, a imagem de Xuxa continua sendo alvo de paradoxos, típicos de um fenômeno de massa. Sua ida para a Rede Record movimentou todos

⁵ Tradução livre de *Xuxa: The Mega-Marketing of Gender, Race, and Modernity*, em inglês.

os setores de jornalismo no país. Os profissionais que não simpatizam com a apresentadora alegam que sua saída da Rede Globo é fruto de uma carreira decadente. Entretanto, há de se questionar sobre a legitimidade desse pressuposto no que compete a uma questão: a relativização do conceito de sucesso frente a uma sociedade pós-moderna.

A definição de sucesso televisivo, na atual conjuntura social, é algo bastante questionável. Em uma era em que o capitalismo prolifera epidemicamente através de diversas mídias eletrônicas, e o consumismo passa a movimentar o pensamento do homem (BAUMAN, 2008), a televisão não é mais o único meio de entretenimento. Isso afeta diretamente os números de audiência dos programas televisivos. Os critérios de medição de audiência hoje não podem ser comparados aos critérios adotados há 20 anos, por exemplo.

A ideia de sucesso, na atualidade, demanda outras questões imbuídas no universo televisivo, como prestígio junto a fortes anunciantes e o peso da própria marca do artista. Nesse sentido, Xuxa continua sendo imbatível. Talvez tenha sido isso a principal motivação para sua contratação pela Rede Record. Tentando resgatar a imagem soberana, a emissora da Barra Funda aposta na credibilidade da marca Xuxa para conquistar bons patrocinadores e, com isso, gerar lucro, tal como exige a célebre lei da oferta e da procura.

Na próxima seção, apresentamos a metodologia para geração dos dados analisados.

4.2 Metodologia Para Geração Do Corpus

O corpus de análise deste artigo é constituído por textos jornalísticos retirados de 4 sites de entretenimento do Brasil, publicados no período de 3 a 10 de março de 2015. Tais textos semiotizam situações discursivas ocorridas durante a coletiva de imprensa concedida por Xuxa Meneghel, na Rede Record, quando assinou contrato.

O quadro abaixo mostra a relação dos textos jornalísticos analisados, incluindo o título da reportagem, o site em que foram veiculados, a data da publicação do texto e o link que facilita o acesso à matéria. Na primeira coluna, onde se lê “Código”, por motivos metodológicos, preferimos usar a letra “R” para designar o termo “reportagem”. O número que a segue faz referência à ordem de escolha dos textos.

Quadro 3 – *Corpus* gerado para análise

CÓDIGO	TÍTULO	SITE	DATA	FONTE
R1	Xuxa Meneghel faz valer o peso da idolatria na ida para a Record	Coluna Na Telinha (UOL)	08/03/2015	http://natelinha.ne10.uol.com.br/colunas/2015/03/08/xuxa-meneghel-faz-valer-o-peso-da-idolatria-na-ida-para-a-record-86520.php
R2	Xuxa é recebida com tapete vermelho na Record	Diário Gaúcho	05/03/2015	http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/03/xuxa-e-recebida-com-tapete-vermelho-na-record-4712369.html
R3	Em busca de mais liberdade, Xuxa fecha com Record	Agora São Paulo	06/03/2015	http://www.agora.uol.com.br/show/2015/03/1598989-em-busca-de-mais-liberdade-xuxa-fecha-com-record.shtml
R4	O que é que a Xuxa tem?	Blog da Redação	06/03/2015	http://www.meioemensagem.com.br/home/meio_e_mensagem/blog_redacao/2015/03/O-que-e-que-a-Xuxa-tem.html#ixzz3TiLvcHSE

Fonte: Autoria Própria

A seleção dos dados dessa pesquisa obedeceu a critérios semântico-discursivos capazes de nos ajudar no momento das microanálises, que são feitas de acordo com as realizações léxico-gramaticais constadas nos Quadros 1 e 2 deste artigo, mais precisamente no que compete às realizações gramaticais da metafunção ideacional, materializados pelo sistema de transitividade.

Na próxima seção, apresentamos as microanálise dos dados gerados.

4.3 Análises Sistêmico-Funcionais: Representações Do Ator Social Xuxa Em Textos Jornalísticos

Para possibilitar a análise das representações que almejávamos, destacamos, em negrito, os processos que, de alguma maneira, ajudam a caracterizar a imagem de Xuxa. Posteriormente, identificamos a ocorrência da palavra Xuxa, bem como de quaisquer outros termos sinonímicos que reportassem à apresentadora, ora como participante obrigatório, ora como participante opcional. Acreditamos que o fato de termos levado em conta grupos

oracionais sinônimos do termo Xuxa tenha sido uma iniciativa pertinente, pois hipônimos, sinônimos e outros elementos de referência são bastante característicos do gênero textual em questão, principalmente quando o assunto em pauta é alguma celebridade. Passemos às microanálises.

O excerto acima foi retirado da coluna eletrônica Na Telinha, conforme é ilustrado no Quadro 3. Na íntegra do texto, o jornalista apresenta uma breve resenha sobre aos principais momentos da carreira de Xuxa, com destaque para o nascimento da filha, que teve seus primeiros 10 minutos de vida transmitidos pelo Jornal Nacional, na Rede Globo. Além disso, mostra-se otimista com a saída de Xuxa da emissora carioca e sua ida para a Rede Record.

Sobresai-se o processo relacional é, o qual tem como termos regidos o portador Xuxa Meneghele o atributo uma das poucas pessoas que são chamadas de "rainha" sem nenhuma ironia ou exagero. Do ponto de vista semântico, essa oração relacional confere a Xuxa a ideia de soberania rara, já que admite ser um privilégio para poucos.

No plano discurso da estratificação da língua, é possível inferir que a reportagem denota um olhar de aprovação à figura mítica da apresentadora, expressando uma postura

EXCERTO 1

Xuxa Meneghelé uma das poucas pessoas que são chamadas de "rainha" sem nenhuma ironia ou exagero. É um título que, de fato, lhe compete. Estrela desde a TV Manchete, **foi destaques** Globo por três das cinco décadas de história da emissora (R1).

consensual ao nos reportarmos à ideia lúdica que o público em geral tem. Para Simpson, isso “é um dos aspectos mais curiosos do fenômeno” (1994, p. 17).

Mais adiante, o jornalista usa o grupo verbal foi destaque, de alcance relacional, acompanhado pelo atributo na Globo por três das cinco décadas de história da emissora. Temos, nesse atributo, grupos oracionais menores que dão ideia circunstancial de lugar (na Globo) e de tempo (por três das cinco décadas da emissora). Xuxa aparece nessa oração como participante elíptico, facilmente resgatado pelas relações sintáticas dos grupos oracionais.

Nessa oração, o jornalista procura identificar elementos que, por meio de um percurso histórico, possam justificar o título de rainha conferido a Xuxa. Assim, a circunstância de lugar na Globo serve, de certa maneira, como referência para o jornalista prever o possível sucesso de Xuxa na emissora concorrente. Já a circunstância de tempo por três das cinco décadas da emissora tem o poder de legitimar a colocação do autor do texto, tendo em vista a longevidade do sucesso da apresentadora enquanto figura pública.

EXCERTO 2

A Record **organizou** um grande evento para **anunciar** a contratação da apresentadora *Xuxa*, nesta quinta-feira. O evento, que aconteceu no teatro da Record, em São Paulo, **contou** com tapete vermelho para **receber** a *Rainha dos Baixinhos*(R2).

O Excerto 2 foi retirado do site Diário Gaúcho, conforme apresentado na tabela 3. A reportagem, em sua íntegra, traz uma foto de Xuxa segurando o logotipo da Rede Record e, além de apresentar a descrição do evento, traz também algumas falas da própria apresentadora, em forma de entrevista, ditas no decorrer da coletiva de imprensa.

O primeiro ponto que nos chamou atenção nesse excerto foi o fato de que, diferentemente do fragmento anterior, Xuxa é colocada sempre, semanticamente, como paciente das ações verbais e nunca como agente, ou seja, sempre sofre a ação enunciada, nunca a pratica. Isso nos parece interessante para entendermos os efeitos de sentidos causados no plano discursivo da estratificação da língua.

Gramaticalmente, logo no início, o grupo oracional A Record tem função sintática de ator do processo material organizou, o qual é seguido pelo intensificador um grande evento. Essa descrição da coletiva de imprensa serve como recurso linguístico capaz de reportar o leitor ao universo grandioso do evento. O termo Xuxa só aparece mais adiante, para justificar a existência da comemoração, sintaticamente como grupo nominal referente ao processo verbal anunciar.

Discursivamente, a ordem das escolhas dos processos, primeiro um material e depois um verbal, apontam para uma narração típica de contextos de realezas. É como se os súditos tivessem preparado uma grande recepção (por isso o processo material) onde sua rainha maior falaria para a população de seu novo reino (daí a escolha do processo verbal). Essa leitura que fizemos dos processos é reforçada pelo próprio título da reportagem, a qual traz o tapete vermelho, figura típica na recepção de reis e rainhas, como instrumento semiótico em destaque.

Essa ideia é reforçada pela escolha dos processos contou e receber, ambos de alcance material, sendo que esse último tem como meta o termo a Rainha dos Baixinhos.

EXCERTO 3

A Rainha dos Baixinhos **terá** carta branca para fazer o que quiser na nova atração, programada para estreiar em dois ou três meses. (...) A loira **recebeu** da Record uma apresentação grandiosa, que reuniu a imprensa e 150 membros de seu fã-clube (R3).

O Excerto 3 foi retirado de uma reportagem publicada pelo site Agora São Paulo. Na íntegra do texto, o jornalista destaca a liberdade para criar, que a Record concedeu a Xuxa, como um dos grandes incentivos para trocar de emissora.

Logo no início do excerto, o termo A Rainha dos Baixinhos serve, sintaticamente, como ator do processo material terá que, por sua vez, tem como meta o grupo oracional carta branca. Essas escolhas léxico-gramaticais, além de remeter à imagem de realiza, apresenta o acréscimo de liberdade dado à apresentadora. Indiretamente, percebemos uma crítica à emissora anterior em que Xuxa trabalhava. Por meio de pressuposições, chegamos à conclusão de que, se a Record dá à Xuxa carta branca, nos dizeres da própria reportagem, imagina-se que a Globo não fazia o mesmo.

Mais adiante, o termo sinonímico A loira serve como ator do processo material recebeu, seguido do grupo oracional da Record, parte constituinte da meta. Nesse caso, percebemos que Xuxa é representada como ator social paciente de uma ação praticada pela Record que dedica a ela uma recepção grandiosa. Mais uma vez há o resgate da imagem de Xuxa como rainha, um discurso que beirou a exaustão na ocasião ora referida.

EXCERTO 4

“Pelo jeito, acho que quem vai chegar é o Barack Obama”, brincou um colega jornalista ao chegar à sede da Record, em São Paulo, e notar toda a movimentação de seguranças, fãs e da imprensa para a primeira aparição de Xuxa em sua nova emissora (...). Muitos dos fãs que **receberam** a Xuxa com gritos de “maravilhosa”, “rainha” e brados de “Chupa, Rede Globo!” nos estúdios da Record ontem já eram bem crescidos quando *a loira* **iniciou** sua carreira na Globo. Certamente, eles têm acesso à internet, possuem TV paga, vão ao cinema e devem ter uma assinatura do Netflix para saber que a Xuxa é só um pontinho num universo gigante de entretenimento. Mas eles ainda a idolatram e a colocam acima de todas as outras opções do controle remoto. Por quê? Porque, por alguma razão, a figura de Xuxa deve resgatar a memória afetiva de algo bom (...) Antes de encerrar a entrevista coletiva, Xuxa **escolheu** um rapaz de seu fã-clube para passar uma mensagem a ela. O jovem disse que, com todo o respeito à Record, eles estavam ali somente por ela e a seguiriam por onde ela fosse. *Elasorriu*, emocionada, enquanto os demais fãs quase colocaram o estúdio abaixo em concordância com a afirmação do rapaz. Achei graça pelo fanatismo exagerado. Mas, em seguida, lembrei de outra afirmação que ouvi dos profissionais de agência nesta semana: “algumas pessoas são maiores do que a mídia”. Xuxa deve ser um desses casos. (R4).

O excerto acima compõe uma reportagem publicada no site Blog da Redação. Talvez, de todas as reportagens analisadas neste artigo, essa seja a que mais descreve o que Simpson chama de Xuxa centrismo, e para a autora, seria o potencial que a personagem de televisão tem em “inspirar devoção e culto” (SIMPSON, 1994, p. 54).

O fragmento é iniciado pela fala de um dos jornalistas que estava presente na ocasião. Essa fala, por sua vez, compara, mesmo que implicitamente, a figura de Xuxa ao presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Sabemos que Obama é uma das figuras mais influentes e poderosas do mundo. Portanto, entendemos que essa comparação funciona como um recurso semântico-pragmático para a exaltação da figura da apresentadora.

O processo receberam tem alcance material, por isso o termo a Xuxa funciona sintaticamente como meta, enquanto o grupo oracional muitos dos fãs tem função de ator. Na mesma frase, o termo a loira serve como ator do processo material iniciou e, nesse caso, os fãs passaram a ser a meta do processo, mesmo que implicitamente.

A construção gramatical descrita acima nos parece curiosa. As escolhas léxico-gramaticais colocam Xuxa e seus fãs em constante troca de posições que oscilam entre a ideia de serem pacientes e/ou agentes. Em uma leitura mais atenta, percebemos que, no primeiro momento, os fãs são agentes, pois recebem seu ídolo e mantêm com ele uma relação de afeto. No segundo momento, Xuxa passa a ser o agente do processo e os fãs se tornam pacientes. Isso sugere um movimento de alternância semântica. Ou seja, a figura mitológica de Xuxa é costurada por sensações que surgem na fronteira entre os polos da dicotomia rainha versus serva do público. A sedimentação do discurso revela uma imagem que se constrói em uma linha fronteira capaz de endear uma pessoa comum (a rainha) ou de humanizar um mito (a serva). Temos, então, um fenômeno de massa que se reconstrói por meio de um pensamento bivalente, o que o torna ainda mais difícil de ser explicado. Essa questão passa a ser algo cultural na medida em que (re) constrói atitudes sociais e discursivas do indivíduo, alterando questões ligadas à identidade (cf. MOITA LOPES, 2006; KLEIMAN, 2013).

Quase ao final do excerto, percebemos o termo Xuxa como ator do processo material escolheu, seguido pela meta um rapaz de seu fã clube. Nesse momento, percebemos um apelo ao discurso lúdico, recurso bastante comum nas aparições públicas de Xuxa. O rapaz de seu fã clube passa a ser visto como um representante dos súditos que falaria aos demais plebeus.

O elemento referencial ela funciona, sintaticamente, como comportante do processo sorriu. Dizemos que este processo tem alcance comportamental, porque expressa o comportamento de Xuxa ao ouvir as declarações do fã. O gesto da apresentadora serve como expressão de emoção ao ouvir as palavras do rapaz. No plano discursivo, podemos inferir que isso atribui a Xuxa características angelicais, atuando na manutenção sentimentalista que a envolve. Para Simpson (1994), Xuxa traz em si um forte apelo afetivo, o que a promove, junto ao público, a uma espécie de amiga e/ou fada madrinha, e não uma simples celebridade televisiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisamos algumas representações construídas sobre Xuxa durante a coletiva de imprensa que a mesma concedeu, em março de 2015, na qual anunciava sua contratação pela Rede Record. Por meio de associações entre algumas áreas do conhecimento humano, tentamos compreender como tais representações caracterizam uma sociedade pós-moderna, em fase de transição paradigmática.

As representações que diagnosticamos apontam para um plano discursivo moldado pela mistura de sentimentos humanos ditos líquidos, nos termos de Bauman (2004). O discurso televisivo, materializado pelos textos jornalísticos, não se apresenta muito inovador quando nos referimos às construções representativas de Xuxa. Termos como *rainha*, *mito*, *estrela*, e tantos outros não menos exóticos, fazem parte do cotidiano da apresentadora há 30 anos. Entretanto, nossas análises revelaram que Xuxa é um caso raro de longevidade de fenômeno de massa em plena uma era digital marcada pela efemeridade dos produtos midiáticos.

A explicação, para compreendermos essa contradição, foge a uma visão imediatista e fragmentada. É necessário buscarmos constante auxílio em diversos campos científicos, para problematizarmos o comportamento de uma sociedade pós-moderna que, mesmo sendo estruturada por relações tão rápidas quanto à luz, ainda dá à Xuxa status de causadora de comoção nacional.

REFERÊNCIAS

BARBARA, L.; MACÊDO, C. M. M. Linguística sistêmico-funcional para a análise de discurso: um panorama introdutório. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. Brasília: UNB/PPGL, 2009. n. 10, v. 1, p. 89-107.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Vida para Consumo**: A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.

BESSA, S. V. C.; PEREIRA, B. G. A Música como Ferramenta de Ensino na Educação Infantil: Uma análise da linguagem audiovisual da estética Xuxa Só Para Baixinhos. In.: PEREIRA, B. G.; LIMA, B. Q.; FRANCO, I. B. (orgs). **Língua e Literatura**: Interfaces com o Ensino. Pará de Minas/MG: Editora Virtual Books, 2015. p. 121-135.

CAMPOS, V. P. M. **Querer, Poder e Conseguir: O processo da socialização para o consumo: o caso Xuxa.** 2006. 152f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CUNHA, M. A. F. da; SOUZA, M. M. de. **Transitividade e seus contextos de uso.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIÁRIO GAÚCHO. **Xuxa é recebida com tapete vermelho na Record.** 05. Mar. 2015. Disponível em <<<http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/03/xuxa-e-recebida-com-tapete-vermelho-na-record-4712369.html>>>. Acessado em 13 de junho de 2015, às 9h26min.

DOMINGO ESPETACULAR. **Detalhes inéditos da carreira de Xuxa e da sua chegada à Record.** Exibido em 08. Mar. 2015. Disponível em <<<https://www.youtube.com/watch?v=qawmzknVBUE>>>. Acessado em 20 de março de 2015, às 22h31min.

EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics.** 2ª ed. London: Continuum, 2004.

EL SHOW DE CRISTINA. **Xuxa - participação no programa Cristina.** Exibido em 14. Mai. 1992. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NnJUt_Bm358>>. Acessado em 03 de novembro de 2014, às 2h47min.

FÉLIX, L. Xuxa Meneghel faz valer o peso da idolatria na ida para a Record. **Na Telinha.** 08. Mar. 2015. Disponível em <<<http://natelinha.ne10.uol.com.br/colunas/2015/03/08/xuxa-meneghel-faz-valer-o-peso-da-idolatria-na-ida-para-a-record-86520.php>>>. Acessado em 13 de junho de 2015, às 10h28min.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa.** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, 2010.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga.** Rio de Janeiro: UERJ/PPGL, v. 16, n. 16, p. 13-47, 2009.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar.** Hodder Education, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in social-semiotic perspective.** Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar.** Hodder Education, 2014.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar.** Hodder Education, 2004.

JESUS, D. M. de; ZOLIN-VESZ, F. A construção discursiva de Xuxa como promotora da inclusão social. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada,** Belo Horizonte, v. 13, n. 4, p. 1131-1143, 2013.

JÚNIOR, J. A **Rainha Sensual**: Uma análise do fenômeno Xuxa. 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

KLEIMAN, A. B. Agenda de Pesquisa e Ação em Linguística Aplicada: Problematizações. In.: MOITA LOPES, L. P. da (org). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**: Festschrift para Antonieta Celani. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2013. p. 39-58.

LATOURE, B. **Reagregando o Social**: Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation**: Appraisal in English. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MESQUITA, L. Em busca de mais liberdade, Xuxa fecha com Record. **Agora São Paulo**. 06. Mar. 2015. Disponível em <<<http://www.agora.uol.com.br/show/2015/03/1598989-em-busca-de-mais-liberdade-xuxa-fecha-com-record.shtml>>>. Acessado em 12 de junho de 2015, às 23h07min.

MOITA LOPES, L. P. da. Da Aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In.: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (orgs). **Linguística Aplicada**: Um caminho com diferentes acessos. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 11-24.

MOITA LOPES, L. P. da. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: Problematização dos Construtos que têm Orientado a Pesquisa. In.: MOITA LOPES, L. P. da (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a.p. 85-108.

MOITA LOPES, L. P. da. Uma Linguística Aplicada Mestiça e Ideológica: Interrogando o Campo como Linguista Aplicado. In.: MOITA LOPES, L. P. da (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b. p. 13-44.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011. PEREIRA, B. G. Refletindo sobre a Construção Ideológica em Letras de Músicas Infantis: Uma análise da estética Xuxa Só Para Baixinhos. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 21, nº 61, p. 1107-1117, 2015.

SACCHITIELLO, B. O que é que a Xuxa tem? **Blog da Redação**. 06. Mar. 2015. Disponível em <<http://www.meioemensagem.com.br/home/meio_e_mensagem/blog_redacao/2015/03/O-que-e-que-a-Xuxa-tem.html#ixzz3TiLvCHSE>>. Acessado em 13 de junho de 2015, às 00h39min.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: O objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In.: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (orgs). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998. p. 99-110.

SIMPSON, A. **Xuxa**: Megamarketing do sexo, da raça e da modernidade. São Paulo/SP: Editora Sumaré, 1994.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. 3rd. Ed. London: Routledge, 2014.

ZOLIN-VESZ, F. O Discurso Científico/Colonialista Norte-Americano sobre Xuxa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 245-257, 2011.